

Mulher de Médico

IVANA M. F. DE NEGRI

Sou casada com um médico há vinte e seis anos sendo que no final do ano passado, comemoramos nossas Bodas de Prata. Como participante ativa da rotina diária de sua vida, posso avaliar como ninguém a grandiosidade que encerra o trabalho de um médico.

Errar é humano, claro, todos sabemos. Mas ao médico não é permitido errar nunca, sob pena de ceifar vidas. Sua missão torna-se quase divina, pois, de sua capacidade e competência dependem a cura e a supremacia na batalha contra a morte.

Vejo as mãos do médico como especiais e abençoadas. E através delas que a vida começa e muitas vezes termina. São hábeis, sensíveis, benditas entre tantas mãos. São elas que operam, suturam, manuseiam aparelhos que sondam o corpo em seus segredos mais íntimos e prescrevem o bálsamo que alivia a dor do seu semelhante.

Horário de almoço? De jantar? Passeios programados? Acostumei-me a não fixar horários rígidos pois a divisão métrica da vida de um médico é sempre imprevisível. Plantões no Natal, no Ano Novo, na Páscoa, no aniversário dos filhos, almoços dominicais em família interrompidos, festas e filmes pela metade, tudo isso faz parte da vida da família do médico.

Casamos muito jovens, quando meu marido ainda cursava o terceiro ano da faculdade na Universidade Federal de Brasília. Cheios de sonhos e de planos, tudo valia a pena: o curso em

tempo integral, as aulas ministradas no curso pré-vestibular à noite para reforçar o salário, e as horas passadas debruçado sobre os livros madrugada adentro, único horário que sobrava para os estudos.

Tivemos nosso primeiro bebê numa cidade estranha, longe de ambas as famílias, e com o orçamento tão minguado, que era preciso esticá-lo ao máximo para durar até o final do mês.

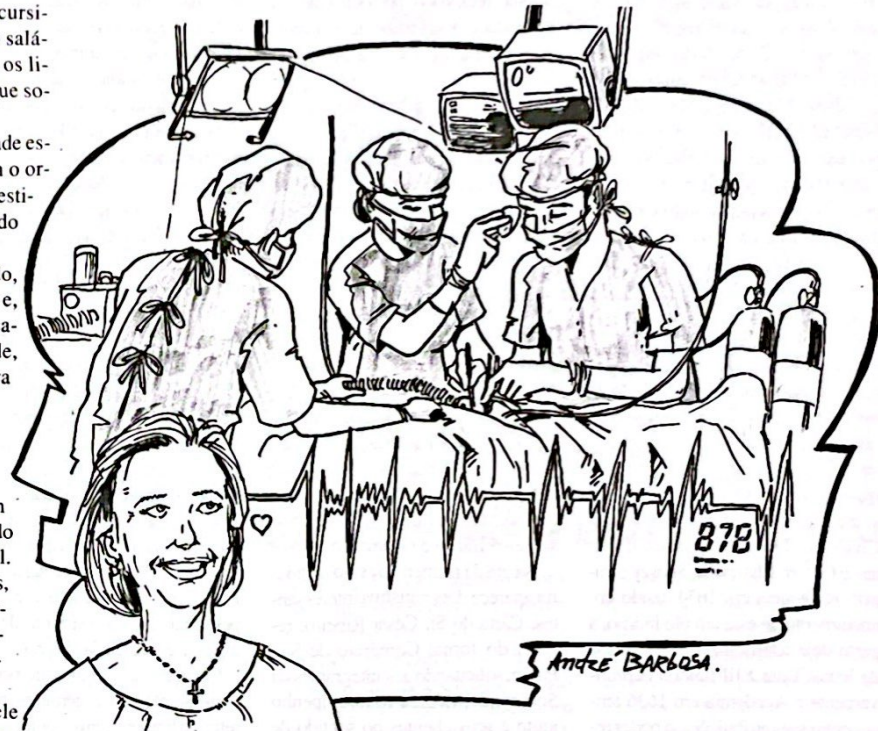
Por ocasião da formatura de meu marido, nosso primeiro filho já contava três anos e, o segundo, nossa filha do meio, estava a caminho. O terceiro só viria bem mais tarde, quando já estávamos de volta à nossa terra natal e a residência médica concluída.

O início de carreira é sempre difícil, mas com o apoio dos familiares, as dificuldades foram superadas e tudo foi se encaixando da melhor maneira possível. Para um radiologista, especialidade que meu marido escolheu, estar atualizado é fundamental. Quase todos os dias surgem novos métodos, novas técnicas, sofisticados aparelhos e novas descobertas, que se não forem assimilados, o médico corre o risco de tornar-se ultrapassado e obsoleto.

O trabalho de um médico permite que ele penetre nos mais ocultos recônditos do corpo e da alma das pessoas, o que faz com que muitas vezes elas se abram ao médico que lhes transmite confiança, expondo-lhe seus problemas como se fosse um sacerdote. Então, o que acontece na maioria das vezes, é que, além das mazelas do corpo, o médico trata das dores da alma também.

Neste ano que passou, somaram-se mais alegrias à nossa vida, pois nosso primogênito, aos vinte e três anos, diplomou-se médico pela Escola Paulista de Medicina e, após um concorridíssimo exame para residência médica, abraçou a radiologia seguindo os passos do pai. Fez sua escolha consciente, pois durante toda sua vida, acompanhou de perto o quão árduo é o trabalho de um médico, e o quanto requer de responsabilidade.

Só posso agradecer a Deus por todos estes anos,



quando aprendi a respeitar o trabalho nobre e digno desses profissionais. Sei que muitas vezes eles sentem-se impotentes diante da morte e angustiados frente às doenças incuráveis ou lesões irreversíveis, mas mesmo nesses momentos, sua presença é fundamental até para ajudar a morrer em paz, transmitindo força e serenidade. Um médico nunca se acostuma com a morte, mas com o tempo aprende a aceitá-la como vontade divina e a enfrentá-la não como inimiga, mas como parte da vida e da natureza física do corpo, nunca da alma.

Lidando com vida e morte e tendo a obrigação de atenuar sofrimentos físicos e espirituais, nasce no médico um sentimento de cumplicidade com o Criador, que

lhe traz a paz do dever cumprido e do juramento de Hipócrates seguido à risca.

Por tudo isso, posso dizer que minha vida enriqueceu-se ao longo desses anos todos de convívio, nessa troca mútua de compreensão e carinho. Gosto de frisar que jamais deixei de lado minhas lutas e sempre fui em busca dos meus sonhos e anseios mais profundos, mas afirmo com convicção, que ser mulher de médico é uma missão maravilhosa. Tenho certeza que sem nosso apoio e nosso ombro amigo, nunca poderiam dedicar-se por inteiro a tão sublime e digna profissão.

Ivana Maria França de Negri é mãe e mulher de médico.

Leia:

Alma Acadêmica

Irany Novah Moraes
Páginas 2

Uma fotografia histórica

Carlos da Silva Lacaz
Página 3

Reencontro

Hudson França
Página 4

Sonho

Afiz Sadi
Página 4

Os egoístas

Paulo Fraletti
Página 4

Alma acadêmica

A felicidade de poder sonhar somente é superada pela de realizar o próprio sonho

IRANY NOVAH MORAES

A Academia Francesa tem sido paradigma para todas as academias do mundo moderno. Toma-se oportuno, aos 105 anos da Academia de Medicina de São Paulo, a mais antiga das sociedades médicas paulistas, fundada em 07 de março de 1895, considerada oficialmente de Utilidade Pública Federal em 1925 e Estadual em 1934, e com sede própria em 1998, lembrar alguns dados históricos que permitem encontrar pontos de extrema similitudes entre o que ocorreu há 366 anos com os momentos atuais.

A Academia Francesa teve por origem as reuniões que Conrart fazia em sua casa para discutir negócios, novidades, literatura, arte, etc., as quais assistiam seus amigos: Godeau, Gombault, Chapelain, Desmarests, Habert, o abade de Gérisy, Malleville, Sérisay e outros. Richelieu, em 1634, tendo conhecimento de este círculo íntimo, a partir dele constituiu uma sociedade de letras. Luiz XIII fundou definitivamente a Academia em 1636 tendo, entre suas atribuições, o poder regulador da língua. Sua primeira sede oficial foi uma sala do Louvre cedida por Luiz XIV. Feito esse preâmbulo histórico, cheguemos a 1895 para, a seguir, a este momento quando iniciamos novo milênio.

Na ata da primeira reunião preparatória, a que poderíamos chamar de Certidão de Nascimento da Academia de Medicina de São Paulo lemos que: Aos 24 de fevereiro de 1895, reuniram-se, no escritório à rua de São Bento, nº 23, os médicos Drs. Theodoro Reichert; Luiz Pereira Barreto; Ignácio de Rezende; Mathias Valladão; Amarante Cruz; Cândido Espinheira; Erasmo do Amaral; Luiz de Paula Marcos Arruda; Evaristo da Veiga e Sérgio Meira. Este último, em breve alocução, fez sentir que no momento em que todos os elementos constitutivos da Sociedade Paulista buscaram agremiar-se para zelar dos interesses inerentes à respectiva classe, não era razoável que a Corporação Médica constituísse exceção odiosa, tanto mais quanto predominava no espírito de todos a lou-

vável idéia de unificar-se. Assim sendo, e uma vez realizado esse aspecto, duplo seria o resultado imediato que se podia colher. Cada um dos senhores associados afluiria com o manancial científico correndo, destarte, para o ensinamento de todos e o aproveitamento recíproco; por outro lado, a estabilidade desta associação importaria na irradiável solidariedade da classe médica.

Na ocasião foi aclamado Luiz Pereira Barreto o primeiro Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, aliás com este nome ela veio até 1953 quando, na gestão de Felício Cintra do Prado, passou a chamar-se Academia de Medicina de São Paulo. As primeiras reuniões da recém-criada Sociedade foram realizadas na Faculdade de Direito do Largo São Francisco por especial atenção de seu Diretor, o Conselheiro Barão de Ramalho.

Na ata da primeira Sessão ordinária aparece dois registros interessantes. Carta do Sr. César Ribeiro, redator do Jornal Comércio de São Paulo, solicitando aos integrantes da Sociedade Médica todo empenho junto a seus clientes no sentido de levar a efeito a criação de creches nesta Capital e na mesma reunião, Cândido Espinheira propôs Vital Brasil como novo sócio.

Além desses fatos pitorescos, devemos lembrar que a primeira apresentação de caso foi do Dr. Luiz Paula M. Arruda, que leu extenso trabalho sobre "A aplicação da eletricidade nos batimentos da aorta abdominal, sempre com muito feliz resultado". Tratava-se de um caso de aneurisma da aorta abdominal.

O segundo trabalho apresentado foi do Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho "sobre uma operação de talha em doente de cálculo vesical e que anteriormente havia sido operado de hérnia estrangulada". Os livros da Academia revelam aspectos interessantes, como os referentes ao fato da Academia ter sido fundada com a preocupação substantiva de o médico estudar. O alvo era o aprimoramento permanente do médico pela troca de experiência dos casos clínicos e dos estudos, para o ensinamento de todos no aproveitamento recíproco.

Sérgio Meira esperava, também, benefícios adjetivos, mas, não menos importantes como o fato de que a convivência decorrente do estudo em conjunto incrementaria o espírito de coleguismo - e, conseqüentemente, o fortalecimento da classe pela solidariedade entre os médicos.

Está registrada dessa forma e desde aquela época, a preocupação do médico em estudar e manter-se atualizado ficando sempre a par das novidades. Nota-se a evidente necessidade de troca de informações e a humildade de aprender com os colegas. A solidariedade referida por Sérgio Meira era inerente a cada um que se associava para privar do convívio da comunidade médica.

Ser acadêmico é visto pela classe médica como privilégio de alguns e pela sociedade como honraria. Os detentores de tal condição sentem-se homenageados pelos seus pares. Entretanto, sabem que, muito mais do que a honraria, estão sim, recebendo uma grande incumbência a ser cumprida para a sociedade. Nesse ponto talvez esteja o fulcro da questão para se entender o que é ser acadêmico. Esse dever suplementar é cobrado pelo mais rigoroso sistema de controle - a consciência própria.

Costuma haver um equívoco por parte de alguns acadêmicos, pois a referida homenagem é conferida não como reconhecimento da sociedade, pelo que o Acadêmico já fez, mas pelo potencial do que ele aparenta poder fazer. Na verdade poucas vezes são cobrados mas ele próprio sente

da Academia.

Lembro-me claramente quando, pela primeira vez, refleti sobre o assunto. Estava na Universidade de Strasbourg, trabalhando na Clínica do Professor René Fontaine. Dele ouvi e aprendi muito sobre a vida de seu paradigma René Leriche; cognominado o "cirurgião da dor". Médico e filósofo ficou conhecido no mundo pela grande contribuição dada à medicina. Sua maior projeção se deu depois de uma série de conferências feitas nos Estados Unidos sobre a cirurgia do sistema nervoso simpático. Introduziu essa operação naquele país e, conseqüentemente, no mundo para melhorar a circulação e aliviar a dor.

Esse homem foi um benfeitor para a humanidade. Foi então convidado a integrar a Academia de Ciências de Paris. Ele foi escolhido pela elite da cultura francesa para tornar-se, como eles, um imortal. Não pleiteou uma cadeira na Academia, esta sim foi à sua procura. Aquela núcleo de intelectuais identificou, na comunidade científica, um talento e trouxe-o para seu convívio. Guiando à Academia mudou-se de Strasbourg onde tinha seu serviço, seu ambiente de trabalho, de pesquisa e foi para Paris. Foi chamado para pensar!

Sempre tendo em mente esse fato, fico a meditar se todos os acadêmicos têm a consciência desse "chamamento especial" para pensar!

Refletindo sobre nossa Academia, hoje com 105 anos, imagino o pensamento de seu fundador Pereira Barreto, bem como os que o acompanharam e sinto que, em

comum, tinham a aspiração de zelar pela cultura médica. Os tempos mudaram, a quantidade de conhecimento aumentou, os costumes são outros e a sociedade se alterou - as necessidades são

outras. O sonho de seus fundadores era ainda muito maior do que está registrado na própria ata de fundação da Academia. Seus fundadores tinham formação cultural excepcional e projeção intelectual brilhante. Para lembrar apenas um fato, as idéias de Pereira Barreto foram apresentadas e debatidas na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, como Tese de Doutorado de um de seus baluartes de cultura, o filósofo Roque Spencer Maciel de Barros, sob o

título "O pensamento de Pereira Barreto e o seu significado pedagógico", e que depois foi publicado como livro "A evolução do pensamento de Pereira Barreto" pela EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo, em 1967. Homem daquela envergadura tem sonhos muito mais elevados do que o comum. Certamente ao aglutinar a elite intelectual de São Paulo ele estava sonhando elevado!

Talvez neste novo milênio estejamos sentindo a necessidade de uma revisão de valores para aferirmos nossas conquistas com os mesmos objetivos de Pereira Barreto. Mas lembro que nada há de melhor do que sentir os prazeres de realizar o sonho. Na verdade, os fundadores queriam que nós mantivéssemos "acesa a chama daquela mesma esperança mas, com nossos próprios sonhos" não melhores, nem maiores mas os nossos, o de nossa época, de nosso mundo.

Sentindo essa responsabilidade, todo acadêmico deve, com espírito elevado, arregimentar forças para zelar pela cultura médica e assim manter, neste milênio, os ideais de Pereira Barreto carregando a tocha de fogo da competência com todo entusiasmo para realizar o sonho de seus fundadores!

Transcrevo a seguir, para que o leitor sinta a dimensão intelectual do fundador da Academia, um fragmento de sua obra "Positivismo e Teologia": A lei da evolução mental é imutável no que diz respeito à sucessão dos fenômenos... Se não podemos, porém, suprimir a sucessão natural das modalidades naturais, imensamente podemos fazer para que a intensidade dos fenômenos se modifique em nossa vantagem social. E a esse poder que se dá o nome de educação ou instrução em sua acepção mais lata, indo das mais simples operações numéricas até às mais altas especulações sobre os fenômenos sociais e morais. Assim considerada, a educação nos aparece sob um novo aspecto, com um caráter singularmente augusto: não é mais uma vã ornamentação convencional das faculdades brilhantes do espírito, onde a imaginação representa o mais conspícuo papel, é uma preparação solene, efetiva, para o triunfo do homem sobre o mundo e sobre si mesmo".

Prof Dr. Irany Novah Moraes foi Presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1985)

Luiz Pereira Barreto foi o primeiro presidente da Academia

Todo acadêmico deve, com espírito elevado, zelar pela cultura médica

UMA FOTOGRAFIA HISTÓRICA

CARLOS DA SILVA LACAZ

No “Memorial do Imigrante”, localizado no Bairro da Moóca (São Paulo), foi inaugurada a 3 de agosto deste ano, bela exposição sobre “Médicos Italianos em São Paulo”, graças ao apoio recebido da Secretaria da Cultura do Estado, do Espaço Cultural FUGESP e do Museu Histórico da Faculdade de Medicina, sob a coordenação de sua museóloga d. Berta Ricardo de Mazzieri.

Neste artigo pretendo destacar o bellissimo convite elaborado por esta distinta museóloga, focalizando a inauguração do Hospital Humberto I, a 14 de agosto de 1904. Nesta fotografia aparecem cinco figuras de médicos que merecem o respeito e a admiração de todos os brasileiros. Refiro-me a José Ayres Netto, Felice Buscaglia, Arnaldo Augusto Vieira da Carvalho, seu filho, médico, Raul Vieira de Carvalho e o inolvidável Carlos Comenale, todos de saudosa memória. “Médicos Italianos em São Paulo” e uma exposição que focaliza a vida e a obra de alguns colegas, italianos ou italo-brasileiros, alguns professores de renomado saber, os quais, desde logo vieram impor a nossa gente o vigor de seu valioso legado cultural. Os italianos, sempre presentes nos albos da formação de nossa nacionalidade, encontram-se a nós irmanados pelo mais forte dos vínculos - o sangue. São Paulo, dizia Honório de Syllós, tinha o chão, o clima, o homem. O imigrante era a peça que faltava.

A presente exposição reflete o sentimento de gratidão da gente paulista a todos os que, em sua luta heróica e incansável, animaram vocações, aceleraram carreiras, trabalhando diuturnamente pelos nossos semelhantes, semeando sempre, salvando velhos e crianças, oferecendo a todos oportunidades de afirmação intelectual.

Em São Paulo, a 14 de agosto de 1904, inaugurava-se solenemente o “Ospedale Humberto I”, com 50 leitos, sendo aclamada sua primeira diretoria a 12 de outubro desse mesmo ano, cabendo a presidência a Carlos Comenale, que exerceu sua gestão até 2-3-1906. Comenale formou-se em Nápoles, em 1881, indo cli-



nicar em Juiz de Fora. Vindo para São Paulo, constituiu sua família, tendo tido dois filhos médicos. Nasceu em Castellabate, província de Salerno, a 29 de julho de 1855, falecendo nesta capital em 1942.

José Ayres Netto (1878-1969) foi sempre grande amigo e colaborador de Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho. Diplomado em 1902 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, veio para São Paulo, procurando logo a Santa Casa de Misericórdia, como assistente de Arnaldo. Manteve, nesta instituição, excelente clínica Ginecológica (1ª Clínica Cirúrgica de Mulheres), formando centenas de discípulos que até hoje o recordam, com indefectível fidelidade. Ayres Netto, após o falecimento de Arnaldo, em 1920, concorria com outros candidatos a cátedra da Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina, mas o referido concurso foi conquistado pelo Prof. Nicolau de Moraes Barros. Em seu serviço, trabalhou Raul Vieira de Carvalho (1892-1956), filho de Arnaldo, também diplomado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Raul Vieira de Carvalho iniciou seus estudos médicos em Ge-

nebra, terminando-os no Rio de Janeiro. Tomou parte na Missão Médica Militar que esteve na França, nos idos de 1918. Trabalhou com seu pai, Ayres Netto, e João Egydio de Carvalho. Este último foi, também, secretário da Faculdade de Medicina. Pela sua dedicação à Santa Casa foi indicado para a direção da 1ª Clínica Cirúrgica de Homens, levando para aquele Serviço sua notável experiência de cirurgião. Vitima de acidente vascular cerebral, com graves seqüelas motoras, faleceu em São Paulo a 27-5-1956. Lembrome que, seu antigo assistente Sebastião Hermeto Júnior, traçou-lhe os marcos principais de sua vitoriosa carreira de médico.

Arnaldo Augusto Vieira de Carvalho (1867-1920) destaca-se no cartão postal pela sua elegância. A Faculdade de Medicina não havia ainda sido criada, mas o notável cirurgião era, na época, o diretor clínico da Santa Casa (de 25-8-1897 a 5-6-1920), dono de irradiante simpatia pessoal, diplomado em 1888 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Elegante, eclético, tanto praticava uma tireoidectomia, como uma histerectomia por via alta ou baixa. Domi-

nava o francês e o alemão. Praticou, entre nós, a primeira gastrectomia total, tendo sido nomeado em 1913 para Diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia, criada a 19-12-1912 pelo Conselheiro Francisco de Paula Rodrigues Alves, então Presidente do Estado de São Paulo. Foi o eminente colega, professor de Clínica Ginecológica da Faculdade de Medicina recém-criada, que plasmou a obra didática de que nos orgulhamos, realizando o velho sonho de Américo Brasiliense. Deixou-nos o traço cintilante de um nobre caráter, modelado no perfil de um grande médico e a serena lembrança de sua infinita bondade.

Vestindo um avelal branco, destaca-se o médico italiano Felice Buscaglia, dono de um grande bigode a Francisco José, branco de neve nos últimos anos e bem calvo. Foi médico e amigo de d. Veridiana Prado. Participou da 1ª Guerra Mundial. Solteiro e idoso voltou para a Itália, a conselho do Prof. Busacca. Pouco conheço da vida e obra de Felice Buscaglia.

Ao retratar as figuras dos médicos que figuram no bellissimo convite para a mostra de “Médi-

cos Italianos em São Paulo”, e que se deve a Berta Ricardo de Mazzieri, voltei um pouco meu olhar para trás, cultuando a sagrada memória de cinco profissionais sempre devotados à “arte divina”. A alma latina encontra-se presente nesta fotografia, com seus deslumbrantes matizes, sob o influxo da mesma seiva que refulgiu nos fastos memoráveis da Renascença.

Este artigo, escrito graças a colaboração de d. Margarida Cesário, nós o dedicamos a todos os médicos italianos e italo-brasileiros que viveram em nossa terra e à Itália eterna, única, imortal e perpétua, que Petrarca louvou “del mondo la piú bella parte”, terra de sábios, de artistas, de escritores e de poetas e em cuja capital se ajoelham todos os peregrinos da fé e da beleza. Não obstante o oceano, chegando a nossa terra, os italianos verificaram que, na alma brasileira vigora o sentimento de amizade eterna para com a Itália, através de uma força indestrutível de unidade espiritual, latina e cristã, e que se mantém intacta através dos séculos.

Carlos da Silva Lacaz é diretor do Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP.

textos

Reencontro

HUDSON FRANÇA



Quero fazer um brinde!

Um brinde aos que,
por diferentes motivos
- doença, desânimo, indiferença -
não puderam vir.

Um brinde aos que não vieram
porque
nesta noite de festa
dormem,
"dormem profundamente"

Um brinde,
também para os que estão aqui:
aos que chegaram de táxi;
aos que,
airosamente,
apesar da idade,
conduzem seus carros
pela estrada da vida
e ruas da cidade.

Aos que
foram trazidos
por um filho carinhoso,
curioso para saber
como seria um jantar
de quarenta e cinco anos de
formados.

Estamos aqui!
Presentes,
perfilados.
Histórias, vitórias, fracasso.
Recordação,
- muita luta -
cansaço.

Estamos aqui.

No corpo e na alma
trazemos rugas,
marcas,
cicatrices.
Mas,
de qualquer modo,
- a nosso jeito -
"somos até felizes"

Senhor, tende Piedade do Médico

SÔNIA M. BARROS DE PAULA

Senhor, tende Piedade do Médico
Desse estudante Eterno dos Malhes alheios...
Tende piedade desse sonhador que
Escolheu, no sofrimento, seu aprendizado,
E na dor estruturou sua Ciência...
Tende piedade, Senhor, desse jovem
De vinte e tantos anos, que passou
A maior parte de suas noites "em branco",
"Todo de branco", num Palácio de Gemidos...
Tende piedade, Senhor, porque
Ele também é um sacerdote,
Mesmo sem a sublimação e
O respeito que lhe devem.
Tende piedade, Senhor, pelo "muito obrigado"
Que ele não escuta nunca...
Tende piedade, Senhor,
(porque o máximo que ele faça
Jamais será o bastante!)
Tende piedade, Senhor, porque
Ele ainda é criança, mas
Já anoiteceu por dentro,
E passará o resto de sua vida,
Tentando salvar aquilo que vós criastes!
- Senhor, tende Piedade dos Médicos...

Rio, Inverno de 1981

(Quarto de Plantão do Instituto de Neurologia Deolindo Couto)

Sonho

AFIZ SADI

Na minha total desvairança
tento desvanecer a inquietude
do amor, essa temperança
que corrói em toda plenitude.

Mas, em vão; o pensamento vã
e, a lembrança fantasiosa
com ruído atônito que sôa
em devaneio, mas harmoniosa.

Revê-la outra vez é imperativo,
a espera do dia é tormentosa,
o tempo é longo e cansativo,
mas a presença é venturosa.

O encontro aplaca o pensamento
nos abraços, afagos e almejos,
a fantasia não é mais tormento,
e, na pele à pele, os longos beijos.

Os egoístas

PAULO FRALETTI

Há árvores que hospedam parasitas
E há galhos que não prestam-se a hospedeiros,
A resistir com forças inauditas
Como contra os insetos os canteiros!

Assim somos os seres neste mundo,
Sujeitos a pedidos e promessas
Que tocam nossa alma bem ao fundo,
E mais, se as dores vêm no rosto impressas!

Ainda bem que somos diferentes,
Os homens (apesar do egoísmo)
A socorrer os mais necessitados.

E, ai dos que, frios, fazem-se de ausentes,
Fugindo à caridade e ao altruísmo,
Mesmo diante da dor dos desgraçados.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor:

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Dullio Crispim Farina
(presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wimer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza
Museu da História da
Medicina
Jorge Michalany